

En el número 32 de **Ámbitos. Revista Internacional de Comunicación**, les ofrecemos las siguientes reseñas:

1. [O jornal impresso e seu impacto físico-sensorial em tempos de internet e redes sociais](#)
2. [La participación de la audiencia en la televisión: de la audiencia activa a la social](#)
3. [Social linguistics and literacies: ideology in discourses](#)

## O JORNAL IMPRESSO E SEU IMPACTO FÍSICO-SENSORIAL EM TEMPOS DE INTERNET E REDES SOCIAIS

TUZZO, Simone Antoniaci (2016). *Os sentidos do Impresso*. Prefácio de Derrick de Kerckhove. Goiânia. UFG/FIC. 240p.

O *Sentidos do Impresso* é o baluarte das obras já publicadas pela professora e pesquisadora Dra. Simone Antoniaci Tuzzo. O livro faz uma detalhada investigação sobre a prática de leitura de jornais impressos nos dias atuais, onde a internet e as redes sociais ressoam nas lógicas coletivas, convergindo informações, tecnologias e a instantaneidade. Trata-se do quinto volume da coleção “Rupturas Metodológicas para uma Leitura Crítica da Mídia”, desenvolvido pelos Programas de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás – UFG e Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

O constructo tem seus alicerces nos longos estudos empreendidos pela autora durante toda trajetória que percorreu como docente e pesquisadora, e principalmente a partir do enfoque primordial dado por ela dentro da compreensão da Opinião Pública e de sua adjacente relação com a Mídia.

A pesquisa que norteia este livro perseverou por quatro anos de análises e reflexões, levadas a congressos e eventos da área e colocadas em discussão com outros estudiosos para um mais amplo amadurecimento. Os trabalhos foram feitos em dois países, Brasil e Portugal, cujos hábitos e contextos diferiam consideravelmente e que para tanto, foram residência da pesquisadora nos momentos de investigação.

As conclusões se consolidaram principalmente nas observações, não só as etnográficas que elencam a parte empírica executada no livro, mas nas muitas observações cotidianas e contínuas da realidade orgânica que foram deflagradas pelo olhar crítico e atencioso de Simone Tuzzo. Neste sentido, o empenho qualitativo e a erudita subjetividade que orientaram as inquietações da autora mostram a importância de estarem presentes quando o anseio diz respeito ao entendimento relacional da sociedade.

A grandeza do livro ganha contornos internacionais e alcança o reconhecimento emblemático de Derrick de Kerckhove, discípulo e principal herdeiro intelectual de Marshall McLuhan, atualizador das teorias oriundas da Escola Canadense e idealizador do *tecnototemismo*. Kerckhove, que é hoje a principal referência mundial nos estudos da relação humana frente às tecnologias é quem prefacia a obra *Sentidos do Impresso*, emprestando sua rica interpretação ao trabalho executado por Tuzzo.

Em seu prefácio, Kerckhove situa a pesquisa feita dentro do *Sentidos do Impresso* no vértice das mais proeminentes pesquisas realizadas em diversas partes do mundo, que integra em suas elucubrações e ponderações um pouco do que vários outros estudos têm buscado compreender, aglutinados e aliados na obra



a uma percepção distinta e demonstrada em pesquisas de campo. Segundo ele, mais do que meras reflexões dentro do que vêm se falando sobre os jornais impressos dentro do panorama digital na atualidade, o que Tuzzo oferece é uma fundamentada teoria sobre a relação dos receptores com seu meio de comunicação, que ultrapassa as lógicas textuais, as características básicas da produção de cada canal e se enraíza nos sentidos despertados, o que inclusive chamou de *impacto físico-sensorial*. Com tudo isso, Kerckhove explicita que o trabalho auferido no livro é a mais contemporânea atualização do paradigma proposto por McLuhan.

Um dos pontos distintos da obra é a minuciosa fundamentação teórica disposta cuidadosamente nos preambulares capítulos. Mesmo a postos para propor uma inovadora análise sobre o elo atual entre o jornalismo impresso e seus leitores, Tuzzo não se furta de contextualizar todos os fatos, princípios e conceitos que sedimentaram seu pensamento. É uma forma honesta de conduzir o leitor dentro do raciocínio desenvolvido, evidenciando os vestígios que levaram a pesquisa a desembocar no resultado final. A análise bibliográfica disposta é uma enciclopédia dos principais temas envolvidos na obra, que remontam desde origens históricas, postulações dos principais autores da Comunicação e as teorias mais elementares para abastecer o leitor de compreensões férteis ao entendimento pleno e necessário para as fases empíricas.

Dentro disso é válido enaltecer a clareza e a lucidez com que todas estas teorias e pensamentos relevantes são apresentados, o que mostra que o Paradigma da Complexidade, de Edgar Morin (2005), conduziu unicamente a apreciação dos dados inqueridos, não respingando complexidade na leitura do texto redigido por Tuzzo, que consegue traduzir boa parte dos diversos, e por vezes intrincados, conhecimentos dispostos por várias sumidades da Comunicação.

O Marco Teórico que abre esta fundamentação bibliográfica elucida o papel da mídia impressa, valorizando a emancipação dos meios de comunicação para catalisar o processo de formação da opinião pública e relata os principais efeitos, características e dinâmicas de cada um dos canais e suas proeminências na estruturação social.

Como não poderia faltar, a Opinião Pública (especialidade dos trabalhos de Tuzzo) desponta com suas rotas pregressas e concepções, junto dos formadores de opinião e do espaço público. É o início de passeio intelectual pelas ideias de Habermas, Sodré, Paiva, Guareschi, Eco, Bourdieu, Negroponte, Marques de Melo e outros mais. Explica-se então o desenrolar evolutivo do que se entende por esfera pública, grifando a atua o da m dia e a até mesmo a resistência das universidades, como espaços aonde ainda   possível pensar criticamente, para além do conteúdo dos meios de comunica o.

Na sequência, abordam-se as categorias e g neros jornalísticos, que arregimentam as indaga es futuramente impostas pela pesquisa quando se questionar  sobre a predominância dos g neros opinativos e interpretativos no jornal impresso.

O capítulo seguinte carrega um robusto cerne histórico no livro, narrando a trajetória de cada meio de comunica o e sua repercussão, desde os impressos até os eletrônicos e digitais.   neste aglomerado de teorias e detalhes antepassados que a autora faz um dos trocadilhos mais geniais do livro. Ela descreve a constela o de galáxias surgidas na história da Humanidade, sendo Gutenberg, Marconi, McLuhan, Kerckhove e Bill Gates, a quem relaciona com o *bios* midiático. Com a terminologia aventada por Sodré, se anuncia a chegada de Bill Gates e de os outros *bios*, numa assertiva denota o da continuidade da evolu o tecnológica que caracteriza o rumo dos meios de comunica o.

Corroborando a transparência de balizar a leitura dentro de cada etapa de pensamento e a o, a autora dispõe um capítulo de metodologia que antes mesmo de esclarecer sobre os métodos, instrumentos e coletas da própria pesquisa, reforça as compreensões sobre a importância do roteiro metodológico para o andamento de quaisquer trabalhos, pontuando especificamente a eficiência de cada um dos itens abarcados no estudo e que, por si, pode ser indicado como obra referência para trabalhos acad micos de variadas áreas do conhecimento. A seguir, são pormenorizados todos os elementos que circundam a execu o da investiga o e justificados suas escolhas de acordo com os objetivos traçados ao longo de toda a pesquisa, indo desde o tipo de pesquisa, instrumentos de coleta, tipo e defini o de amostra, popula o-alvo e métodos de análise.

A autora esclarece que apesar de ter partido de premissas e embasamentos para realizar o trabalho, foram os

próprios desdobramentos da pesquisa, aliados ao aprofundamento dentro de cada etapa, que culminaram no trabalho da forma como se deu. O projeto inicial não contava com tantas inquietações que nasceriam nos liames encontrados e na prospecção reflexiva provocada em cada momento.

O capítulo posterior é composto pelos procedimentos de campo desempenhados para responder a pergunta central do trabalho sobre **qual o papel do jornal impresso em tempos de internet e redes sociais**. Participaram da pesquisa leitores, jornalistas e editores de jornal impresso do Brasil e de Portugal.

A primeira pesquisa, com leitores brasileiros verificou se o jornal impresso ainda era visto como fonte de informação, que tipo de conteúdo é mais buscado neste meio e também qual seria o papel dele na atualidade, já que as notícias estão sendo cobertas pelas mídias eletrônicas. Entre outras questões, os entrevistados também tiveram de refletir sobre quais mudanças o novo cenário da internet e das redes sociais desencadeiam no Jornalismo e na sociedade, sobre os principais gêneros e características de cada um destes canais de informação e sobre adotarem ou não uma cultura do papel que implica na resistência a consumirem informações por meios eletrônicos.

As respostas foram ecléticas, mas considerável parcela de respondentes afirmou que a credibilidade dos impressos, seu caráter documental e sua cobertura detalhada e rica em dados mais apurados ainda figuram entre os aspectos fortes dos jornais impressos. Majoritária parte dos leitores atribui suas preferências nos veículos impressos em razão do prazer associado à leitura, seja pelo formato visual, pelo cheiro do jornal, pelo barulho dos virar as páginas junto da própria sensação de tocar o papel e ainda a leitura combinada com a degustação de um café nos escritórios ou em casa.

Diante desse resultado, Tuzzo faz uma imbricação histórica com os incursos romanos na Antiguidade que ao declararem o vinho como a bebida dos deuses, esclareciam que sua celestialidade advinha da capacidade de aguçar simultaneamente os cinco sentidos humanos como nenhuma outra iguaria era capaz de fazer. O **paladar** era aflorado pelo sabor do vinho, a **visão** pela bela coloração bordô do líquido, o **olfato** era estimulado pelo cheiro e o **tato** pelo toque das mãos na taça que o comporta. Para que a **audição** fosse incorporada adquiriu-se o costume de tilintar as taças de modo que os ouvidos também pudessem participar do processo de apreciação.

Conforme Tuzzo, os jornais impressos também encontraram o mesmo destino dentro da prática de leitura dos leitores, pois passou a oferecer prazer pelos sentidos, sendo a **visão** da página diagramada e a **audição** do folhear, o cheiro da tinta e a textura do papel que acariciam o **olfato** e o **tato** dos leitores e para completar, o **paladar** proveniente do café que acompanha quase sempre o hábito de muitos deles.

Perguntas similares às feitas no Brasil foram feitas para leitores portugueses, sendo adaptadas apenas algumas formulações linguísticas para facilitar o entendimento durante as entrevistas. As respostas em essência também destacaram a predileção à leitura do jornal impresso em razão dos sentidos que afloram no processo. Todavia, os Portugueses ainda acrescentaram algo mais. A maioria disse que a leitura de jornais é feita em cafés e esplanadas, locais aonde se reúnem para conversar e cujos assuntos são retirados dos jornais lidos nestes momentos. Dentro disso, enfatizam uma nova faceta dos periódicos impressos: o elo social.

No tocante às entrevistas com jornalistas e editores de Portugal e do Brasil, indagava-se os profissionais sobre as vantagens do jornal impresso, suas características mais intrínsecas, sobre aqueles que trabalham na produção dos periódicos e ainda sobre qual o perfil e as preferências de seus públicos leitores.

As respostas variaram consideravelmente. A questão sensorial destacada pela gráuda parcela de leitores não foi percebida pelos jornalistas e editores de nenhum dos dois países. Os Portugueses, todavia, demonstram uma maior preocupação com seu público, conhecem melhor suas características e possuem clareza quanto ao tipo de material que produzem e sobre a importância que os jornais impressos alcançam na sociedade, mesmo em tempos de internet e redes sociais.

O que ressoa destas pesquisas é a comprovação dos dizerem de McLuhan de que o jornal impresso transcende sua própria função. O leitor cativo deste meio persiste nesta prática em razão dos sentidos estimulados e da intersecção dos grupos sociais promovida por seu cultivo. Para eles ler jornal é existir

socialmente, pois a leitura de jornal é algo social, de consumo coletivo.

Ao que pode parecer, boa parte dos jornalistas e editores desconhecem a principal razão pela qual tantos leitores dispensam diariamente notícias gratuitas e disponíveis em rápidas e versáteis plataformas virtuais. Eles querem sentir o meio, para além da mensagem. Tuzzo traz uma teoria relevante e atual, sem deixar de vincular os fatos com seus motes históricos, levando os leitores a repensarem o jornalismo e toda elaboração da opinião pública.

Sem entrar no mérito de prever o futuro dos jornais impressos, a autora acentua as necessárias adaptações que ainda requerem estes veículos, sua constância no seio coletivo e as potencialidades da relação sensorial, que até o momento não encontraram riscos e nem concorrência para aqueles que são seduzidos por elas na escolha de sua fonte de informações. [\[subir\]](#)

### **Priscilla Guerra Guimarães Bernardes**

Universidade Federal de Goiás

priscillaguerra@hotmail.com

---

## **LA PARTICIPACIÓN DE LA AUDIENCIA EN LA TELEVISIÓN: DE LA AUDIENCIA ACTIVA A LA SOCIAL**

QUINTAS FROUFE, Natalia y GONZÁLEZ NEIRA, Ana (coord.). (2015). *La participación de la audiencia en la televisión: de la audiencia activa a la social*. Madrid: AIMC, 167 pp.

Ante una realidad en la que nuestros hijos nacen siendo auténticos nativos digitales, cabe preguntarse hacia dónde nos dirige esta vorágine tecnológica, que ha provocado que tanto cambien nuestras vidas. Se constata que desde los inicios de la televisión han cambiado las costumbres y hábitos a la hora de consumir contenidos derivados de la tradicionalmente denominada pequeña pantalla (que ya no lo es tanto). Ahora es posible que el espectador participe, opine, incluso reivindique sus gustos sobre lo que está viendo en tiempo real, que asuma el rol de programador y que decida qué quiere ver, dónde y cuándo.

“La participación de la audiencia en la televisión: de la audiencia activa a la social” es un manual muy útil para programadores, publicitarios, docentes de estudios superiores, incluso para creadores, ya que se abordan de una manera actual, clara y concisa todos los sistemas de medición de audiencias de televisión que existen en España y su relación con Internet, las redes sociales y nuevos canales, incluyendo estudios científicos y valiosas reflexiones extraídas de las investigaciones que corroboran y/o desmienten corrientes y pensamientos acerca de este tipo de mediciones.



En el primer capítulo se plantea ya en el propio título la revisión de lo que pensamos que es la televisión social, y como no, su relación con las audiencias, con el objetivo de profundizar en la forma de comportarse ante la televisión de lo que denominan las autoras “el espectador social” y las nuevas herramientas de las que se dispone para su análisis. Para González Neira y Quintas Froufe, la televisión social es una televisión interactiva en la que las relaciones humanas y la socialización virtual adquieren una amplia importancia. Durante su estudio, las autoras abordan de una manera completa la evolución de este fenómeno desde las formas más primitivas, en las que se producía *feedback* vertical entre espectador y cadena de televisión, hasta hoy en día, donde esta retroalimentación se produce de forma vertical y horizontal, comprendiendo las diversas pantallas y la posibilidad de interacción espectador-espectador. Por otra parte, se destaca en este capítulo uno de los rasgos básicos de la televisión social, que se encuentra precisamente en las redes sociales, incluso en otros canales, que apoyados por nuevos dispositivos permiten dar respuesta a la necesidad de comentar los contenidos que el espectador observa. Finalmente, aunque según las autoras el poder de la comunicación continúa en manos de la televisión, se realiza una interesante reflexión sobre la inexperiencia en cuanto al análisis de esta nueva forma de televisión social, debido a la novedad que envuelve este nuevo modelo en el